

# **CENTRO DE ESTUDOS ANGLICANOS – CEA**

## **Existe uma teologia caracteristicamente anglicana?**

Dom Sumio Takatsu

A resposta dos anglicanos, em geral, é negativa. Então, não há produção teológica no anglicanismo? Recorrendo a um levantamento mesmo rápido e geral, pode-se constatar que há produções, na Comunhão anglicana, e até consideráveis, naturalmente, nas Igrejas onde há recursos para tanto. Então, que é que produzem?

Carecem aqui alguns comentários. Quando os teólogos anglicanos afirmam que não há uma teologia anglicana, eles querem dizer com isso que não há um sistema de teologia especificamente anglicano. Em outras palavras, não existe um conteúdo sistematizado de teologia especificamente anglicano. Por que? Pois as Igrejas da Comunhão Anglicana têm em comum com outras Igrejas históricas as Escrituras, os Credos e os sacramentos. Sob esse aspecto, pode-se dizer, por exemplo, que a teologia do documento *Batismo, Eucaristia e o Ministério*, elaborado pelo Conselho Mundial de Igrejas é nossa teologia.

É quase habitual, também, dizermos que, na Comunhão Anglicana, não existe uma Confissão como a de Augusburgo ou outras confissões. De fato, não existe. E o que existe é o *Livro de Oração Comum*. Ai estão os fundamentais. Por isso, no Diálogo com as Igrejas Luteranas, os anglicanos, estão descobrindo que ambas as Igrejas têm em comum os fundamentais, isto é, o evangelho, a fé, a doutrina e o ministério apostólicos e com o episcopado (supervisão).

Se não existe um conteúdo teológico especificamente anglicano, então, em que consiste a qualificação anglicana de teologia?

**A qualificação “anglicana” da teologia está no seu método.** O que se pretende ser anglicano está no modo como as Igrejas da Comunhão Anglicana entendem por Evangelho e seu ensino apostólico, como elas adoram o Deus manifesto e conhecido em Jesus Cristo pelo poder do Espírito Santo no Evangelho e nas Escrituras, como elas organizam a vida da Igreja como a Igreja apostólica (politia no sentido lato) e como elas entendem a relação entre a Igreja com o passado e entre a Igreja e a sociedade no dado momento. Em tudo isso estão envolvidos as Escrituras, Credos, doutrinas, tradição (memória, experiência da vivência da Igreja pelos séculos (liturgia, sacramentos, pastoral, *politia*)).

O método anglicano, por assim dizer, desenvolveu-se, no século XVI e XVII, pelo desejo da Igreja da Inglaterra de levar em consideração a continuidade com o seu passado, principalmente, com a Igreja Primitiva e da inclusão das percepções e experiências da Reforma em meio às pressões políticas, religiosas e culturais que a nação e a Igreja sofriam. Em poucas palavras, era uma forma de teologia contextual, “via média”, com apelo relativo à antigüidade, isto é, à Igreja Primitiva. Nos séculos XVI e XVII a via média significou o caminho entre Roma e Genebra. Porém essa via média como método não se limitou apenas às duas posições eclesiais, e implicou mais na inclusividade, distinguindo o essencial e o secundário. E isso ajudou os teólogos anglicanos a enfrentar e aceitar os desafios da crítica bíblica no século XVII, por exemplo. Também, o apelo à antigüidade implicava no discernimento e mostrava nuances.<sup>1</sup>

## Cenário Histórico

É preciso, por isso, esboçar ligeiramente, a situação em que desenvolveu a teologia anglicana no século XVI e XVII. Para tanto é útil adotar o esboço feito por um dos autores do Estudo do Anglicanismo (*The Study of Anglicanism*). Ele apresenta o seguinte esboço:

Primeiro século e o período formativo do Anglicanismo: 1509 a 1611:

A Igreja inglesa nos primeiros anos do Henrique VIII

Dois Movimentos de Protesto: Lollards e o Humanismo renascentista

A Inglaterra como parte da Cristandade Ocidental

A resposta inglesa à abertura da Reforma no Continente

As datas 1509 e 1611 são marcos referenciais. A primeira refere-se à ascensão do Henrique VIII ao trono e 1611, à publicação da Versão Autorizada da Bíblia ou a Versão do Rei Tiago.

Havia deficiências na Igreja inglesa e européia em geral. Em que consistiam as deficiências? Uma lista de deficiências seria: nível inadequado de educação cristã do laicato, e nível baixo do conhecimento do clero e satisfação geral com o mínimo de conformidade, de participação mecânica na liturgia e na vida sacramental e ausência de ênfase em temas centrais. Não havia muito entusiasmo. Nesse quadro de situação, William P. Haugaard insere dois movimentos que precedem à caminhada anglicana: os lolardos e humanismo renascentista.

O movimento dos lolardos era forte entre pessoas humildes, baseado em Wycliff. Já Tomas More, John Colet (Deão da Catedral de S.Paulo) e Erasmo tiveram influência na esfera universitária. Erasmo, a convite de Henrique VIII, veio preparar o texto grego do Novo Testamento. Os Lolardos e os humanistas promoveram a insatisfação com o *status quo* religioso.

---

<sup>1</sup>HENSON, Herbert Hensley, Church of England, Cambridge University Press, 1939 cap.3

## **A Inglaterra como parte do cristianismo ocidental**

A geografia favoreceu uma relação ambígua com o resto da Europa e essa ambivalência se refletia na vida nacional.

Inglaterra como outros países europeus: uma sociedade política e religiosamente unida, governada por uma hierarquia dual: civil e eclesiástica. Como em qualquer lugar na Europa, as autoridades eclesiásticas e civis entravam em conflitos. Na Inglaterra, o Parlamento patrocinava a causa da monarquia contra a elite eclesiástica atrelada ao domínio papal. Isto distinguia a Inglaterra de outros países europeus.

O ideal da cristandade sofria os terremotos na Inglaterra quando os eclesiásticos, nobreza, e os parlamentares uniam-se com o soberano para formar "o rei governante no parlamento". No início da segunda década do reinado do Henrique VIII o Papa Leão X excomungou Martinho Lutero e este queimou a bula e os Cânones.

A imprensa facilitou a divulgação das obras de Lutero e elas vieram à Inglaterra. Também vieram obras de outros centros como Zurique e Basiléia. Com certa perplexidade foram lidas, nas universidades, pelo clérigos e intelectuais, as obras que atacavam a autoridade eclesiástica vigente.

As reações iniciais das autoridades eram negativas. O Bispo de Londres queimou publicamente a Bíblia de Tyndale. O Arcebispo de Cantuária fez esforço inútil para comprar toda a edição. A obra anti-Lutero *Assertio Septum Sacramentorum* (1525) que portava o nome de Henrique VIII granjeou o título de Defensor da Fé conferido por Leão X.

## **Continuidade e mudança na vida da Igreja de 1529 a 1611**

A data de 1529 representa a guinada na relação entre Henrique VIII e o papado. A questão do divórcio do Henrique com a Catarina de Aragão era um problema político para o rei, porque não tinham um herdeiro e ela já estava com seus 40 anos de idade. Para o Papa Clemente VII a anulação do casamento era, também, um problema político. Pois Catarina de Aragão era a tia do Carlos V, em cujas mãos estava o papado. Acrescido a isso havia o problema da dispensa autorizada pelo seu antecessor Júlio II para que Henrique VIII casasse com Catarina, viúva do seu irmão Rei Arthur. Henrique VIII interpretou a morte de dois de seus filhos na infância como efeito de um casamento não aprovado por Deus, à luz de Levítico 20.21. Em situações normais sem o envolvimento da figura como o de Carlos V, haveria dispensa. E, para o papado, era uma questão de espera de um momento mais propício. Porém, para o rei havia pressa. Além da paixão por Ana Bolena havia a pressão de sua família. Por isso, houve a mudança de estratégia. Em que consistia essa estratégia?

Wolsey, Cardeal, era o Arcebispo de Cantuária e como tal fazia a política papal. Para derrubá-lo, o rei recorreu de um ato instaurado no

meado do século XIV para se livrar do poder papal na Inglaterra. Esse ato se denominava de *Praemunire* e proibia ou restringia o apelo ao tribunal papal e o envio das ofertas ao papado. Consta que um monge expressou o sentimento do povo desta maneira: "*Senhor Jesus, retire de nosso meio o poder papal ou diminua o poder que ele acredita ter sobre o nosso povo!*" Esse ato foi reinstituído e Wolsey foi acusado de estar em função do poder estrangeiro.

1529 - Queda de Wolsey, Reinstituição das medidas de *Praemunire*, reviravolta na política em relação ao papado

1533 - Ato de Restrição de Apelos. Henrique VIII é declarado chefe supremo e rei da Inglaterra em questões temporais e espirituais

1533-55 - Thomas Cranmer, Arcebispo de Cantuária

1534 - Atos de Supremacia. Henrique VIII é declarado Supremo chefe da Igreja: jurisdição temporal e espiritual

Chegou-se, assim, ao rompimento com o papado. Oficialmente, a Igreja permaneceu católica medieval. O rei era contrário à Reforma. Por outro lado, havia estudos da Reforma luterana e calvinista. As universidades eram centros de estudos da Reforma e do novo conhecimento introduzido pelos renascentistas.

Pode-se perceber nos dados que serão abaixo mencionados é a abertura do caminho para a Reforma representada pelo *Livro de Oração Comum* de 1549. Nesses passos há uma preocupação pastoral com a edificação da comunidade na leitura das Escrituras, no ensino da Igreja e na oração.

1536 - Dez Artigos

1537 - Livro dos Bispos: Instituição do Cristão

1538 - Foi interrompida a conversação entre os teólogos anglicanos e luteranos

1543 - Livro do Rei: Necessária doutrina e erudição do cristão

## **Artigos e Livros**

### **1) Dez Artigos**

O contexto histórico em que foram elaborados foi assinalado pela presença de obras de Lutero e de Zwínglio e pelo repúdio da autoridade papal. Mas as doutrinas eram católicas romanas sob a influência de Henrique VIII. Além disso, havia partidários da nova erudição e da antiga. A nova estava sob a influência da Reforma e da Renascença. A antiga desejava a manutenção do que era ensinado, mas com a independência da autoridade papal. O objetivo consistia em estabelecer a paz e unidade entre nós e evitar polêmicas conflitantes. E assegurar a conciliação entre os dois partidos.

#### **I. Sobre a Fé**

Os fundamentais da Fé estão nas Escrituras, e nos três Credos.

Três Sacramentos são expostos: Batismo, Eucaristia e Penitência e os restantes não são mencionados. A Penitência é instituída por Cristo no Novo Testamento e necessária para a salvação.

A Presença Real é enfatizada, mas não interpretada. Não há referência à Transubstanciação.

A Justificação é alcançada pela contrição interior, pela caridade, fé e esperança.

## II. *Sobre Cerimônias louváveis na Igreja*

As imagens devem permanecer para acalentar e avivar a mente, mas a idolatria deve ser evitada.

Os santos devem ser honrados e invocados como intercessores para orar conosco e por nós, sem a superstição de que um santo está mais pronto para nos ouvir do que o Cristo.

Certos costumes medievais devem ser preservados.

## 2) Livro dos Bispos

Surgiu em 1537, nos fins da vida de Henrique VIII. Chamava-se *A Instituição do Cristão*, da autoria de Thomas Cranmer e de outros bispos, por isso, ficou mais conhecido como "Livro dos Bispos". Foi elaborado tendo como objetivo ajudar os clérigos a pregar de acordo com a nova situação eclesial, isto é, com o princípio da Reforma. Os clérigos haviam recebido ordens para tanto, mas enfrentavam a carência de subsídios e orientações.

Baseado nos Dez Artigos, o Livro procurava expor a doutrina e a moral. Por isso, havia explicações sobre os Credos, os Sete Sacramentos, o Pai Nosso, a Ave Maria, a Justificação e o Purgatório.

## 3) Livro do Rei

Em 1543, antes de sua morte, Henrique VIII mandou publicar o que se chamou de "Livro do Rei", em reação contra o Livro dos Bispos. Esse Livro se denominava, também, de *Doutrina e Erudição Necessária do Cristão*. Esse livro teve como sua base os Dez Artigos e os Seis Artigos que o Rei mandou elaborar contra a doutrina da Reforma. Na verdade, Henrique VIII era católico romano e medieval, mas sem o Papa. Quis restaurar a doutrina da Transubstanciação, colocar no mesmo patamar os sete sacramentos, e manter o celibato do clero. Era, assim, um retorno ao antigo saber cristão. A situação política em relação à Alemanha tornou-se hostil e em 1538 os diálogos entre anglicanos e luteranos foram interrompidos e a posição de Thomas se enfraqueceu.

Em 1553 houve a publicação de Quarenta e Dois Artigos. Estes tiveram pouca duração, porque, no mesmo ano, a rainha Maria os revogou. Porém, os 42 Artigos representam uma nova linha de pensamento teológico. Foi retomado, em parte, os treze artigos sobre os quais havia concordância entre anglicanos e luteranos em 1538. Esses treze artigos foram preservados por Cranmer.

Após a ascensão do Rei Eduardo VI ao trono (1547), houve rápidas reformas, porém não houve nenhuma declaração sobre a posição doutrinária da Igreja. Até 1553 não surgiu uma nova declaração. Os Livros oficiais ou ofícios eram o que se segue:

- 1547 - Eduardo VI torna-se Rei (1537-53) Retorno do uso da Bíblia no vernáculo
- 1549 - Atos de Uniformidade. O uso obrigatório do vernáculo nos Ofícios religiosos, na Inglaterra, exceto nas universidades e nas residências. O uso do Livro de Oração Comum de 1549 tornou-se obrigatório.
- 1552 - 2º Livro de Oração Comum, também de uso obrigatório
- 1553 - Quarenta e Dois Artigos
- 1553 - Revogação dos Atos anteriores pela rainha Maria
- 1556 - Martírio de Cranmer
- 1559-1603 - Ato de Uniformidade. Estabelecimento de Elizabeth e revogação dos atos da Maria.
- 1559-75 - Mathew Parker, Arcebispo de Cantuária
- 1561 - John Jewel, Bispo de Salisbury, escreve *Apologia Pro Ecclesia Anglicana* (1562)
- 1571 - 39 Artigos

### **“História da Cabeça da Pileca”**

Owen Chadwick em *A Reforma* (pp.212-3) conta que, por volta de 1590, um velho clérigo chamado Thomas Neal, anteriormente professor de Hebraico em Oxford, que fora o capelão de Bonner e nunca se reconciliara verdadeiramente com a Igreja isabelina, foi apontado como tendo para contar uma história notável. Dizia-se que ele afirmava ter estado presente na consagração do arcebispo Mathew Parker; que longe de assistir a ela em devida forma na capela de Lambeth Palace, estivera presente numa taberna em Cheapside, chamada “A Cabeça da Pileca”. Que ali, por não ser possível encontrar nenhum bispo católico que o consagrasse, Parker e os outros se ajoelharam no chão da taberna diante de Scory, o destituído bispo eduardiano de Chichester. Scory teria colocado uma Bíblia no pescoço de cada um, dizendo: “Recebei o poder de pregar sinceramente a Palavra de Deus”. Este rumor circulava entre os não-conformistas católicos da virada do século, e finalmente apareceu em forma impressa. Era amplamente acreditado e a questão tornou-se a discussão do momento. Em 1613, Francis Mason, capelão do arcebispo de Canterbury, apresentou o extracto a propósito do livro de registros de Parker na biblioteca de Lambeth, uma descrição da consagração dos Papéis do Estado e mesmo uma testemunha ocular, o conde de Nottingham (anteriormente Lorde Howard de Effingham, comandante da frota inglesa contra Armada), que afirmava ter estado presente na consagração e no jantar que se lhe seguira. Em 1614, ao descobrir que os autores católicos afirmavam que o extracto do registro era uma falsificação, o arcebispo Abbot tomou quatro outros bispos e quatro padres católicos romanos, então prisioneiros na Torre de Londres, e fê-los examinar o próprio livro. Embora o rumor morresse, por falta de crédito, era

um sinal de que a autenticidade dos bispos protestantes começara a interessar a ambos os lados de uma forma que nunca teria interessado a Lutero ou a Calvino.

## Os 42 artigos

Sua publicação visava criticar duas posições adversárias: o catolicismo medieval e os anabatistas.

- A) Em relação ao catolicismo medieval:
- 1) Negava as reivindicações papais
  - 2) Afirmava que a Igreja errou no passado, por isso, está sujeito ao erro. Dizia que os Concílios não são infalíveis.
  - 3) Defendia o uso do vernáculo na Igreja e o casamento do clero
  - 4) Combatia os ensinamentos meritórios, a doutrina do Purgatório, a transubstanciação e o "sacrifício da Missa".
  - 5) Defendia a suficiência das Escrituras
- B) Em relação aos anabatistas:
- 1) Afirmava a fé católica em oposição à heresia sobre a Trindade
  - 2) Combatia o pelagianismo dos anabatistas
  - 3) Combatia a idéia de que uma vez regenerado, não se peca mais
  - 4) Afirmava todas as partes do Antigo Testamento em igualdade com o Novo Testamento
  - 5) Combatia a idéia anabatista de que a eficácia da ordenação estava na consagração pessoal e defendia a ordenação
  - 6) Combatia a negação anabatista do Batismo Infantil
  - 7) Combatia o repúdio anabatista de toda a disciplina eclesiástica
  - 8) Combatia o Milenarismo
  - 9) Combatia a impugnação anabatista da autoridade do Estado

Com a sua ascensão ao trono, Elizabeth I teve como objetivo principal assegurar a unidade da nação diante das adversidades externas. Ela concentrou-se não na doutrina, mas na disciplina da adoração. Por isso, a posição do *Livro de Oração Comum* na Inglaterra foi reforçada.

Os 42 Artigos que não haviam sido aprovados como documento oficial foram retomados, agora sob a inspiração da Confissão luterana de Wurtemberger apresentada pelos embaixadores alemães ao Concílio de Trento e revisados, levando-se em consideração os Treze Artigos de Cranmer. A rainha objetou ao Artigo 29 referente aos romanistas, pois desejava incluí-los. Acrescentou a parte inicial do Artigo 20, que declara a autoridade da Igreja de decretar cerimônias e ritos, visando os puritanos que negavam essa autoridade. E tudo isso resultou em 38 Artigos. Na revisão final, o Artigo 29 voltou a constar, porque o Papa havia excomungado Elizabeth I e os papistas se consideraram fora da Igreja da Inglaterra. Assim, não havia razão para suspender o Artigo 29.

Os 39 Artigos nos mostram a influência mais luterana do que calvinista no que se refere à Reforma.

1572 - Censura (ou Admoestação), a Plataforma puritana enviada ao Parlamento.

A pressão puritana fez-se sentir com o documento Admoestação e muito do que Hooker escreveu foi uma réplica a essa plataforma.

### **Censura Puritana**

É um plataforma dos puritanos enviada ao Parlamento e combatida por Elizabeth I. Contém a carta de Beza que condena no *Livro de Oração Comum* tudo que lhe pareceu resquícios do romanismo.

Como surgiu esse plataforma? Os exilados marianos no continente europeu formaram movimentos. A grosso modo, os exilados inspiraram-se em Calvino. Entre eles havia os leais ao *Livro de Oração Comum* e outros que seguiam a forma eclesial em formação entre os calvinistas extremados.

Ao retornar à Inglaterra, os extremados calvinistas formaram o que veio chamar de "puritanos". Opuseram-se a Jewel e outros, que defendiam o *Livro de Oração Comum*. Em poucas palavras, eles desejavam destruir tudo que se desenvolveu na Igreja Ocidental e Oriental e retornar às Escrituras e construir uma nova Igreja. A continuidade foi questionada. Eles se opuseram aos seguintes itens:

- 1) A Liturgia da Eucaristia (considerada mais um formalismo e uma Missa romana)
- 2) As expressões externas: sinal da cruz no Batismo, a imposição das mãos na Confirmação, o uso de alianças no casamento, a celebração dos santos no calendário cristão e a vênua quando se pronuncia o nome de Jesus.
- 3) As antífonas na leitura dos Salmos.
- 4) As vestes, as cores, ornamentos.
- 5) O ministério sacramental e, principalmente, o episcopado.

Elizabeth I rejeitou a "Censura" e o *Livro de Oração Comum* foi imposto legalmente, mas as reuniões de oração com os ofícios não impressos no *Livro de Oração Comum* não foram proibidas. Por isso, havia reuniões de oração e meditação por parte dos puritanos e de seus simpatizantes.

Diante disso, havia quem desejasse a refutação da "Censura", considerando-a inoportuna. Mathew Parker considerou a incompatibilidade entre o anglicanismo e o puritanismo e encarregou Whitgift a elaborar uma

réplica. Entra como defensor da "Censura" Cartwright, da Universidade de Cambridge. Muito do que Whitgift e Cartwright discutiram revela a posição anglicana nesse período e esclarece, também, o trabalho de Richard Hooker.

Alguns pontos merecem aqui destaque.

1) O modo como se entende a Bíblia. Cartwright sustentava a igualdade de todas as partes das Escrituras. Elas governam todos os aspectos da vida. Assim, por exemplo, se há pena de morte no Antigo Testamento, a pena de morte também deve ser aplicada, hoje. Não havia espaço para refletir sobre a estória da proteção de Caim. Se Zacarias sustentava que todos os falsos profetas devem ser executados, os falsos profetas de Roma devem ser executados. O zelo do Antigo Testamento não deve ser diminuído. Se não há referência ao uso dos anéis no casamento, esse uso deve ser abolido. Se não há referência à postura de se ajoelhar na comunhão, não deve se ajoelhar. Esses são alguns exemplos.

2) A natureza da assembléia litúrgica. Para Cartwright, o culto deve ser restrito à pregação. No seu esquema, a noção de Palavra se restringe apenas à dimensão do presente, a palavra vinda de um pregador. Ou seja, a Igreja não se reúne para ouvir a Palavra em sua tríplice dimensão: Cristo, a Palavra, a Palavra nas Escrituras e a Palavra viva hoje. Além disso, o culto foi transformado em sala de aula.

3) Não era uma reforma, mas a negação de todo o passado e a criação de uma nova doutrina, de um novo culto, de um novo ministério e de uma nova disciplina. O que o anglicanismo buscou foi a reforma da Igreja.

1576-83 - Edmund Gindal, Arcebispo de Cantuária, anteriormente de York

1583-1604 - John Whitgift coroa Tiago I (1604)

1593-97 - Richard Hooker - Política Eclesiástica (1554-1600)

1604 - Hampton Court Palace, face às insatisfações com a revisão do LOC de 1559, principalmente por parte dos puritanos, o Rei Tiago I convocou essa conferência, mas o resultado foi a inclusão de Festas de Santos Menores ( impressas em letras negras em contraste com as Festas maiores em vermelhas.)

### **Richard Hooker**

Nasceu em março de 1554, numa localidade perto de Exeter, onde seus ancestrais e sua família exerceram papéis importantes na vida pública. Desde cedo Richard demonstrou sinais promissores na escola e seu tio John Hooker encarregou-se de sua educação na universidade de Oxford. O bispo Jewel descobriu em Richard um homem talentoso. Por isso, ele contribuiu para que ele se matriculasse em Corpus Christi, aos quatorze anos. Ali teve como seu tutor um puritano, John Reynoldes, o qual com Jewel pertencia ao círculo de admiradores de Calvino. Em Corpus Christi, Richard foi feito Preletor de lógica , depois, do hebraico.

Pode-se dizer que Hooker teve um bom relacionamento com a elite eclesiástica. Por exemplo, o bispo Sandys enviou o seu filho a Oxford para estudar, por causa do Richard. Juntou-se a eles, George Cranmer, neto de Thomas Cranmer. Estes dois pressionaram mais tarde Richard a publicar suas obras.

No período de Hooker, a Igreja da Inglaterra incluía os puritanos. Tanto assim que o tutor de Richard era um puritano famoso. Os fatos mostram que a convivência era natural. Tanto é que Richard Hooker fez a campanha em favor de Reynoldes para a reitoria. Este perdeu e Richard foi com ele despedido. Porém, mais tarde Reynoldes foi nomeado reitor e Richard retornou à universidade. Os dois mantiveram amizade profunda. Porém, em 1604, na Conferência em Hampton Court Palace, onde Tiago I quis unir os bispos e puritanos na questão do LOC, os dois ficaram em posições diferentes. Ali os puritanos trouxeram a "Petição Milenária", uma série de insatisfação com o *Livro de Oração Comum* de 1559, com o acréscimo do item "Batismo e Eucaristia" no Catecismo e "dos Dias Santos" (rubricas negras, Festival de santos menores impresso no LOC em letras negras, ao invés de vermelhas)

Em 1581 Richard mudou-se para Londres e teve o apoio da família de John Churchman e casou-se com a filha dele, Joan. Em 1585 foi pela rainha nomeado Mestre do Templo. Um outro candidato era Walter Travers, puritano, apoiado pelos advogados e tesoureiro da cidade de Londres. Na verdade, um outro candidato de nome Nicolas Bond tinha o apoio do Arcebispo de Cantuária e de um grupo de puritanos. E ele era capelão da rainha. Diante dessa situação a rainha optou por Richard Hooker.

### **Três períodos na vida de Hooker e da Inglaterra**

(1) 1559-1570 - A tarefa imediata do Arcebispo Mathew Parker consistia em assegurar alguma forma de uniformidade em relação ao *Livro de Oração Comum*. Os clérigos puritanos se opunham às cerimônias e ao uso das vestes. Muitos que não seguiam as orientações de Parker foram suspensos.

(2) 1570-1583 - Neste período destaca-se a controvérsia entre Whitgift e Cartwright. Os puritanos ficaram mais ousados, mantinham suas reuniões próprias e começaram a trabalhar com o Parlamento. Em 1572 apareceu a Censura, que atacou não só as vestes, cerimônias, mas o Livro de Oração Comum, o Episcopado e toda a constituição da Igreja. Como já se disse, Whitgift foi encarregado de responder à Censura, Cartwright fez a réplica. Em torno dessa controvérsia Richard Hooker escreveu mais tarde a *Politia* da Igreja.

Foi nesse período que os clérigos puritanos fizeram reuniões abolindo o *Livro de Oração Comum* e usando o que veio a ser denominado de "Profecias" e organizando as reuniões conforme o modelo de Genebra.

(3) - 1583-1600 - Este representa o segundo e o mais importante período na vida de Hooker. Foi o período em que Whitgift exerceu o

arquiépiscopado de Cantuária. Também, nesse período houve movimentos mais sectários como o de Robert Browne. Este e seus seguidores separaram-se da Igreja em 1580. Ele próprio fugiu para o continente e dois de seus seguidores foram executados, os primeiros mártires puritanos.

Nesse período houve os Atos de Conformidade: Supremacia da Realeza, os 39 Artigos e o Livro de Oração Comum. Foi nesse período em que Hooker foi nomeado Mestre de Templo. A hierarquia era assim: mestre e depois vinha o leitor. O leitor era Travers, puritano.

O sermão nessa época demorava mais de uma hora. Os advogados tomavam notas do sermão. O leitor vinha, também, com suas observações. Durante uma série de sermões sobre o Livro de Habacuque surgiu uma controvérsia, porque Richard Hooker afirmou que mesmo sendo católicos romanos alguns seriam salvos. Isso cheirava muito heterodoxo para o público daquela época.

## **Alguns tópicos da teologia de Richard Hooker**

### Escrituras.

As controvérsias em torno das Escrituras eram bastante abrangente conforme observamos na Admoestação ou na Censura. Elas compreendiam desde o lugar das Escrituras na Liturgia até a natureza e a concepção das Escrituras.

Ambas as partes estavam de acordo quanto à suficiência das Escrituras. Com os anglicanos contemporâneos, Hooker dizia que as Escrituras "contêm todas as coisas necessárias para a salvação". Por outro lado, isso não significa que tudo que se encontra nas Escrituras é necessário para a salvação.

Nisto Hooker evitou os dois extremos: (1) a posição romana de que as Escrituras são insuficientes e que a Tradição deve suprir a insuficiência (rejeitada enfaticamente); (2) a posição puritana de que é pecaminosa e ilegítima a liberdade da Igreja tomar decisões sobre o que as Escrituras silenciam.<sup>2</sup> No dizer dele, Deus deixou com o silêncio das Escrituras à discricção da Igreja. Certamente, com Hooker e outros e com os Artigos houve a possibilidade de desenvolver a leitura crítica, histórica, contextual, e teologicamente trinitária e pastoral.

### Justificação

Outro ponto que deve ser destacado é sobre a Justificação. A justificação é a doutrina que articula a iniciativa da bondade divina em Jesus Cristo - sua encarnação, vida, ministério, morte e ressurreição - para a salvação da humanidade. É a anterioridade da graça divina. A graça precede à resposta humana e a possibilita. Certamente, na Reforma as distorções medievais sobre a graça, justificação e santificação foram corrigidas. Foram

---

<sup>2</sup> Laws, II.8.7

restauradas a iniciativa divina e a gratuidade da graça, a graça imerecida. É o novo relacionamento em que se experimenta o perdão dos pecados, a posição de quem é considerado justo e santo diante de Deus.

A contribuição de Hooker, neste particular, é a conexão que ele estabeleceu entre a graça justificadora e santificadora, de um lado, e, de outro, a visão sacramental. Para ele e também, para outros anglicanos como Jeremy Taylor e Lancelot Andrewes, os sacramentos, sinais visíveis da graça interna, são instrumentos da graça. Como foi dito por Hooker: "os sacramentos são instrumentos de Deus". São ações de Deus em favor da humanidade. Com a participação no sinal externo e visível, homens e mulheres, crianças, jovens e idosos participam da graça de Deus. Atrás dessa noção está a Igreja como a comunhão, criada, e sustentada pelo ato de Deus assumir a humanidade em Jesus Cristo, remover as barreiras que impedem a comunhão e comunicar a vida de comunhão decorrente dessa obra divina no poder do Espírito Santo. Como tal, a Igreja é a comunhão sacramental. Cristo é a vida comum da Igreja.

Há uma expressão interessante de Hooker mencionada por Louis Weil: "aquela graça salvadora que Cristo é originalmente para o bem de toda a Igreja, Ele a comunica diversamente, por meio dos sacramentos, a cada um". Essa frase nos dá uma visão da Igreja como o sacramento de Cristo. Esta visão nos impede de privatizar os sacramentos ou de privá-los do sentido comunitário e missionário. A Igreja como comunhão não deve ser uma fraternidade voltada para si e se satisfaz com os resultados que giram em torno de si. A Eucaristia como o Batismo têm a dimensão pública e missionária no sentido de levar os participantes ao serviço a Deus em ação de graças e ao serviço a outros como Cristo serviu.

#### A relação entre o Batismo e a Eucaristia

Hooker concebia a Eucaristia como a continuação da vida iniciada pelo Batismo.(Leis, V.LXVII.) É o alimento "daquele que, na infância foi incorporado em Cristo pelo Batismo e recebeu a graça do Espírito Santo,...recebe o dom que conhece pela graça o que a graça é"...entendemos que o fortalecimento de nossa vida começada em Cristo é o próprio Cristo, que a sua carne é comida e seu sangue é bebida e que, não pela imaginação, mas verdadeiramente seu corpo e sangue sacramentalmente apresentados, a degustação da vida eterna, a graça do sacramento é aqui como o alimento que tomamos".(Leis, ibid.)

O Batismo, em particular e os Sacramentos, em geral, têm, para Hooker, três dimensões: mística, moral e eclesial. O Batismo tem sua origem na iniciativa da bondade de Deus, tem implicação moral, e é um ato público da Igreja, embora seja o indivíduo que é batizado e tenha sua responsabilidade.

#### A modalidade da presença sacramental

Costumeiramente, fala-se, na presença real, mas há duas caracterizações da doutrina de Hooker que nos parecem mais adequadas.

William Crocket identifica a doutrina de Hooker como a doutrina da participação real no corpo e sangue de Cristo na Eucaristia. Pois há duas expressões de Hooker que apontam para tanto.

A presença real do abençoadíssimo corpo e sangue de Cristo não deve ser procurada no sacramento, mas no comungante digno.

É suficiente apresentar-me à Mesa do Senhor e saber o que recebo do Senhor, sem indagar a maneira como Cristo realiza a sua promessa...é suficiente que eu receba o corpo e sangue de Cristo...

A participação real está nas linhas da ênfase na Koinonia, que Hooker desenvolveu e, também, está de acordo com a oração eucarística de Cranmer:

que nós, bem como todos quantos participarem desta Santa Comunhão, recebamos dignamente o preciosíssimo Corpo e Sangue de teu Filho Jesus Cristo, sejamos cheios de graça e bênção celestial e feitos um só corpo com Ele, para que ele habite em nós e nós nele

Em poucas palavras, não é a fé que cria a presença, mas pela fé ela se torna eficaz. Nem tão pouco, a presença se localiza apenas nos elementos ou na pessoa que recebe.<sup>3</sup>

Louis Weil faz a seguinte síntese da relação entre Cristo, Sacramento do seu Corpo e Sangue e os comungantes:

Que os elementos físicos permanecem o alimento material.  
 Que os elementos são santificados pelo poder divino.  
 Que os elementos são instrumentos da graça oferecida à humanidade por meio do sacrifício de Cristo.  
 Que os que recebem os elementos em fé têm, nesses elementos, o acesso a esse dom da graça salvadora.<sup>4</sup>

### Igreja visível e a Igreja Invisível ou Corpo Místico

Os contemporâneos de Hooker raciocinavam em termos de "Igreja visível e invisível". Para Hooker não há duas Igrejas, mas diferentes estados e condições. Um outro ponto que merece a atenção é a ambiguidade da Igreja. Ela é o Corpo de Cristo. Isto não significa que na comunidade da Igreja, não haja quem não está em união com Cristo. Hooker recorreu à metáfora do campo onde coexistem trigo e o joio. A isso foi acrescida a noção de que a Igreja não é juíza para julgar quem está com Cristo ou quem não está com Cristo. Com isso, também, encontramos a distância entre o que seremos, na promessa de Deus, e o que somos realmente agora.

<sup>3</sup> Ver The Emmaus Report, p.59 sobre o comentário contemporâneo sobre Hooker nas Igrejas da Comunhão Anglicana.

<sup>4</sup> Sacraments & Liturgy, p.50

Em contraste com a visão puritana, Hooker via a dimensão visível e institucional da comunidade da fé. A confiança em Deus, a oração, por exemplo, são coisas íntimas das pessoas, mas têm seu aspecto comunitário e público. A fé, a ação de graças, súplicas da comunidade devem ser expressas por um padrão aceito pela comunidade em todos os lugares e tempo. As formas externas da fé e da espiritualidade não devem ser submetidas aos caprichos dos líderes. Também, a reunião (ekklesia) ou a Igreja não deve ser reduzida a uma instrução. A Palavra deve ser anunciada dentro de um padrão aceito. A controvérsia em torno da Censura foi isso. O "pragmatismo" dos reducionistas da época pretendia abolir a Liturgia e implantar um outro padrão, porque as leituras, os salmos cantados e com antífonas e resposos congregacionais reduziam o espaço do sermão. Muito do Livro V das Leis de Hooker foi uma resposta a essas questões.

Hooker refletiu sobre essas matérias como fizeram seus contemporâneos levando em consideração a Bíblia, a Tradição, principalmente, a Igreja Primitiva, (a interpretação contínua das Escrituras, sua aplicação), e a Razão (o bom senso, o senso comum de um povo em determinado tempo e lugar, a capacidade humana de simbolizar, ordenar, compartilhar e comunicar a experiência).

É da natureza humana expressar e recorrer à simbolização, às ações visíveis e externas com a graça e sentido internos. São mediações da graça, "que efetua a salvação". São meios adequados para a natureza humana criada por Deus.

Havia críticas de que as cerimônias são ostentações e de que os atos litúrgicos tornam-se em superstição. A resposta de Hooker consistia em que o problema está na hipocrisia no que se refere às cerimônias e orações. E, no que diz respeito à superstição, o antídoto está em estreitar a dimensão externa e a graça interna. Para não cair em ato mecânico, é preciso, em outras palavras, que a graça, o sentido internos apareçam bem visível no sinal externo.

Há um outro elemento importante na eclesiologia de Hooker. Ele via a Igreja em termos orgânicos dinâmicos e não estáticos. Ela se desenvolve na história e que o método de governo e administração da Igreja muda, adapta-se conforme as circunstâncias históricas. Onde a Bíblia silencia ou onde ela é obscura, a Igreja deve recorrer ao senso comum, ao que promove a piedade, ao que tenha recebido a aprovação da antigüidade ou ao que tenha recebido o apoio do próprio sistema de governo da Igreja. Inversamente, nenhuma instituição ou ordenança que não são expressamente ordenadas nas Escrituras devem ser transformadas em matérias de necessidade, mesmo que pareçam ser proveitosas e úteis. É nessa persuasão de que há desenvolvimento e a Igreja pode tomar decisões que não contrariem o espírito da Bíblia que algumas das Igrejas da Comunhão Anglicana tomaram a decisão de ordenar as mulheres ao tríplice ordem ministerial.

Na controvérsia com os puritanos Hooker desenvolve a diferença entre a ordem presbiteral e episcopal. O Presbítero é plenamente o Ministro da Palavra e dos Sacramentos. Em que consiste, então, a diferença? Para os puritanos as duas ordens eram equivalentes. Seguindo a declaração do Bispo Bilson, no Sínodo de Dort, Hooker expôs a diferença em termos da autoridade episcopal de ordenação. Os Presbíteros compartilham com o Bispo o Ministério da Palavra e dos Sacramentos. Porém, ao bispo é dada a autoridade de ordenar os diáconos e os presbíteros. A autoridade de supervisão e de jurisdição derivam da autoridade de ordenação.

No que se refere à origem da ordem episcopal, há duas teorias, isto é, se a ordem dos bispos surgiu como evolução da colegialidade de bispos-presbíteros, para se ter um foco de unidade ou se a ordem dos presbíteros surgiu como desmembramento do ministério da Palavra e do Sacramento que os bispos exerciam via delegação. No século XIX, J.B. Lightfoot expôs a primeira. E Hooker apresenta posição semelhante à de Lightfoot. Após a morte dos apóstolos, as Igrejas decidiram fazer de um presbítero de cada cidade ter a supervisão sobre outros. Por outro lado, ele estava inclinado a crer que os apóstolos deixaram os bispos investidos de autoridade sobre os demais. Essa ambiguidade deve-se ao fato de que ele era cuidadoso demais no uso do discernimento.

É bom levar em consideração que ele distinguia entre as coisas necessárias, essenciais para a salvação e outras coisas referentes à *politia*. No surgimento do episcopado Hooker viu a mão apostólica. Nem por isso o anglicanismo jamais desconsiderou outras Igrejas de *politia* diferente. Por outro lado, ele insistiu na ordenação episcopal.

Também é preciso levar em consideração um outro fator. Hooker reconheceu que, no passado, houve, por necessidade, ordenação presbiteral para poder dar continuidade à vida, e missão da Igreja. Essa foi atitude da Igreja da Inglaterra até 1662. Os ministros ordenados presbiteralmente vindos do Continente europeu tiveram a autorização de exercer o ministério sem a ordenação episcopal. Por que? As circunstâncias históricas não permitiram a ordenação episcopal desses ministros. Hooker expressou a suficiência da ordenação desses ministros da seguinte forma:

Quando a exigência da necessidade força deixar as formas usuais da Igreja, que, de outra forma, preservaríamos com boa vontade., onde a Igreja tem a necessidade de ordenar alguns e nem tem e nem pode ter possivelmente um bispo para ordenar, em caso de tal necessidade, a instituição ordinária de Deus tem sido com freqüência substituída e pode substituir. E, portanto, não estamos simplesmente sem a exceção para instar descenso linear de poder dos Apóstolos pela contínua sucessão de bispos em cada ordenação eficaz. Excetuados esses casos de necessidade inevitável, ninguém pode ser ordenado senão pelos bispos:

pela imposição das mãos que a Igreja confere o poder de ordem tanto aos presbíteros quanto aos diáconos.<sup>5</sup>

Com respeito aos ministros na Inglaterra, que buscaram a ordenação presbiteral, em oposição à Igreja, não foram autorizados a exercer o ministério. Aqui a diferença é bem evidente. No Continente, os bispos recusaram ordenar os pastores reformados. Na Inglaterra a busca da ordenação presbiteral foi a rejeição do Episcopado. Essa rejeição cresceu de tal maneira que ultrapassou o ponto de retorno. Após a tentativa puritana de abolir o episcopado, houve o *Ato de Uniformidade* proibindo o exercício do ministério outro que não fosse episcopalmente ordenado.

## PERÍODO DE ANDREWES E TAYLOR

Essas datas são apenas referências flexíveis, porque Andrewes, por exemplo, em 1604 já estava com seus 50 anos de idade.

- 1555-1626 Lancelot Andrewes, Bispo de Winchester
- 1604-1610 - Richard Bancroft, Arcebispo de Cantuária, administrador capaz, elevou o nível do clero.
- 1610-1633 - George Abbott, Arcebispo de Cantuária, foi infeliz, desconfiança da parte dos puritanos e dos High Church
- 1611 - Authorized Version Lancelot Andrewes fez parte da tradução
- 1613-1667 - Jeremy Taylor, Bispo de Down e Connor, Irlanda  
Polarização crescente: Tiago I (na parte final do seu reinado) e Carlos I
- 1633-1645 - William Laud, arcebispo de Cantuária, executado em 1645 na Revolução  
(considerado pelos puritanos como arminiano e romanista, mas travou controvérsia com o jesuíta Fisher em 1622, sua primeira aparição pública)
- 1641 - Grand Remonstrance: queixa contra o rei e o seu partido.  
A redução dos poderes dos prelados eclesiásticos.
- 1642 - Guerra Civil
- 1643 - Abolição do Episcopado pelo Parlamento e criação da Assembléia de Westminster
- 1658 - Oliver Cromwell morre e seu filho Ricardo o sucede como Protetor.
- 1660 - Restauração. Retorno de Carlos II ao trono e o restabelecimento da Igreja da Inglaterra.
- 1661 - Conferência de Savoy (doze bispos e doze puritanos para resolver as discordâncias, mas do ponto de vista puritano pouco foi revisado o Livro de Oração Comum e no ano seguinte houve o Ato de Uniformidade e o LOC de 1662 foi estabelecido. Daí em diante houve crescente saída dos puritanos da Igreja.

<sup>5</sup> Richard Hooker, *Ecclesiastical Polity*, Livro VII, cap. XIV, 11; As Obras daquele teólogo erudito e judicioso, Mr. Richard Hooker, ed. John Keble, sexta edição pp.231-32, a pontuação moderna.

1688 - Revolução Gloriosa depôs Tiago II e inaugurou o reinado de William e Mary

## **Carlos I**

“Os reis não são apenas vice-gerentes de Deus, mas declarados deuses pelo próprio Deus”. “Presto minhas contas apenas a Deus”. Considerava-se acima da lei. Por isso, o seu relacionamento com o Parlamento foi difícil. Quando houve a tentativa da interferência do Parlamento em questões religiosas, Carlos I declarou: “quem quer que introduza inovação ou favoreça a introdução do papismo ou do arminianismo ou outra opinião discordando da Igreja verdadeira e ortodoxa serão considerado um inimigo capital do Reino”.

Carlos I tentou dissolver o Parlamento e governar o país com a prerrogativa do Rei. Isso foi em 1629. Da Escócia veio o primeira sinal de oposição. Sem o apoio do Parlamento era difícil travar a guerra com os escoceses, Carlos I convocou inesperadamente o Parlamento a fim de passar legislação que estreitasse mais a relação entre a monarquia, a Igreja e o programa de Laud.

### A queda da monarquia e a Guerra Civil (1642)

É muito difícil dizer até que ponto era guerra religiosa e até que ponto era política e de classes.

1) Monarquia, Prelados anglicanos e o Livro de Oração Comum. No lado da monarquia havia gente que acreditava que lutava em favor da vontade divina. A Bíblia foi a fonte de sua defesa. Fé na monarquia e fé na Igreja. O Rei governa a vida civil e os bispos governam a Igreja. O Parlamento parecia uma anarquia, insurreição protestante.

2) Os puritanos acreditavam que a Bíblia estava no lado deles. Temiam Roma e achavam que os bispos favoreciam o ensino romano. Eles representavam a luta pela liberdade civil, o direito de adorar na forma que desejarem e decidir a política nacional.

Nos dois lados a política e a religião estavam entrelaçados e, por isso, havia muita paixão. A guerra destruiu muitos monumentos artísticos nas igrejas.

Este esboço nos mostra que Lancelot Andrewes, Jeremy Taylor e seus predecessores em ensino e seus contemporâneos elaboraram o seu pensamento teológico levando em consideração a relação pastoral da Igreja com a sociedade, a espiritualidade das pessoas, o ensino da Igreja, em meio à efervescência de debates teológicos e conflito.

Na primeira parte, a identidade anglicana frente à Igreja de Roma ocupou muito do tempo dos teólogos anglicanos. Na segunda parte, as questões mais salientes eram aquelas que vinham da parte dos puritanos.

### **Lancelot Andrewes**

Nasceu em 1555 e matriculou-se em Cambridge em 1571 onde foi, posteriormente, mestre. Tornou-se deão de Westminster e mais tarde bispo de Ely e Winchester. Em 1604 foi nomeado presidente da Comissão da Tradução da Bíblia pelo seu conhecimento do hebraico. Foi amigo de F.Bacon.

Na sua teologia há uma preocupação central: afirmar o anglicanismo conforme o ensino das Escrituras interpretado pela Igreja Primitiva com a qual se mantém em continuidade histórica e doutrinal. Que é essa Igreja Primitiva? A Igreja Católica Primitiva? Na controvérsia com o jesuíta Bellarmino, o qual criticou o uso de católico por Tiago I, Lancelot Andrewes respondeu, baseado em Calixto e nessa resposta podemos ver o que ele entendeu por Igreja Primitiva:

Um Cânon reduzido ao escrito pelo próprio Deus, dois testamentos, três credos, quatro Concílios Gerais, cinco séculos, e séries dos Pais da Igreja naquele período - os séculos antes de Constantino e dois depois dele, determinam os limites de nossa fé.

Ao lado do interesse pela Bíblia, Lancelot Andrewes demonstrou sua preocupação com a Liturgia e sua inclinação foi pela liturgia grega.

Ele é lembrado pelas Preces Particulares, pois teve influência nas gerações posteriores. É uma teologia que interpreta o Credo dos Apóstolos, o Credo Niceno, à luz da experiência da vida. E muito do que ele escreveu foi na forma de sermão. Nos sermões ele fez muito uso da Bíblia e dos Pais da Igreja.

Ao se apoiar na patrística, ele fazia distinção entre o uso, o costume de uma só localidade e o uso que tinha aceitação ampla.

No apelo à antigüidade, ele trabalhava com as Escrituras, Pais da Igreja, Concílios e a razão. Por isso não era um apelo à antigüidade por antigüidade. Havia critério nesse apelo. Esse critério é dado por essa relação Escritura, a Patrística, os Concílios, tendo nas Escrituras a primazia.

Um outro ponto a destacar foi sua contribuição na área da arte litúrgica. As capelas embelezadas por sua orientação, o uso das cores e das cerimônias bem preparadas vieram a ser, no seu tempo, fontes de inspiração na área litúrgica.

### **Jeremy Taylor**

Na sua juventude, na Universidade de Cambridge, havia entre muitos eclesianos leais à Igreja da Inglaterra de inspiração puritana como algo natural, embora não deixasse de haver debates. Porém, na época em que Jeremy Taylor foi ordenado e começou exercer o seu ministério ordenado, a situação foi outra. Pode-se dizer que ele escreveu em meio à trágica guerra

civil e conseqüente desoficialização da Igreja da Inglaterra. Na guerra tomou o lado da coroa e foi preso várias vezes.

Escreveu muitas obras, a maioria de natureza apologética. Muito do que escreveu tem a ver com a situação do anglicanismo desoficializado. O *discurso sobre a Oração Extemporânea*, que veio a ser reeditado sob o título de *Apologia pelas Formas de Liturgia Autorizadas* é uma defesa não só do Livro de Oração Comum, mas da Liturgia comum, oficial. *A Liberdade de Profetizar* foi um apelo ao governo revolucionário para que o anglicanismo fosse permitido como uma religião tolerada. Foi mais do que o apelo em favor do anglicanismo. Foi um apelo pela tolerância em favor dos organismos cristãos que professassem o Credo dos Apóstolos. Nessa obra Taylor tratou também, dos anabatistas. Demonstrou sua rejeição da crença de que as crianças não-batizadas fossem condenadas por Deus.

Uma das obras mais lidas é "*Disciplina e Exercício do Viver Santo*", em que são descritos os meios, instrumentos de obter a virtude, os remédios contra todo vício e considerações que servem para resistir todas as tentações, juntamente com as orações a respeito de todos os deveres dos cristãos e as partes devocionais adequadas para todas as ocasiões e necessidades.

Em poucas palavras, Taylor trata da finalidade ou a intencionalidade da vida cristã, isto é, glorificar a Deus, e os meios e recursos para tanto.

É interessante observar a reflexão sobre o uso do tempo para a devoção. Diz ele

" se consideramos quanto tempo de nossas vidas é tomado pelas necessidades naturais, quantos anos inteiramente gastos até que exerçamos a razão, ainda quantos anos mais consumidos antes que usemos a razão para grandes propósitos, quão imperfeito é o nosso discurso pela nossa má educação, pelos falsos princípios, pela má companhia, maus exemplos e carência de experiência, quanto de nossos melhores anos são gastos para comer e dormir, em negócios necessários e vaidades desnecessárias, e uma pouca parte é deixada para a prática piedade, para andar com Deus, esse tempo deixado para a espiritualidade é tão pouco e tão passageiro que se não fosse bondade de Deus, seria impossível, irracional, esperar de Deus a alegria eterna nos céus."

Qual é a reflexão do Jeremy Taylor sobre, por exemplo, o tempo gasto com as necessidades naturais? Em outras palavras, a vida cristã nega a vida de cada dia, a busca da satisfação das coisas básicas da vida? Taylor entende que essas necessidades naturais fazem parte da criação de Deus e Ele não só nos permite a dar o nosso tempo a elas, mas faz com que sejam partes de nosso dever. A questão é tornar essa vida ocasião para glorificar a Deus.

O que Taylor propõe aos seus leitores é o que se chama de exercício da presença de Deus. Em todas as atividades: ações, palavras e pensamento, as pessoas estão diante de Deus. Em outras palavras, embora deva haver momento de oração, meditação, leituras das Escrituras, contemplação, o ponto essencial é ligar as nossas atividades com a glorificação de Deus. E fazer essa ligação em meio ao mundo bem diferente ao mundo dos domingos, das celebrações dominicais. Neste sentido o mundo em que vivemos se difere do mundo em Hooker, Andrewes, Taylor, Henrique VIII, Elizabeth I viveram. Eles viveram numa época em que ainda as coisas básicas passavam pela teologia. O Henrique VIII e Elizabeth I, por exemplo, eram versados em teologia, liturgia. Eles tinham suas predileções litúrgicas, podiam debater doutrinas com os teólogos, embora talvez não como especialistas. Elizabeth I lia o Novo Testamento no original grego. É claro que havia uma distância, também, nesse particular entre a elite e o povo. Entre os que decidiam a vida pública, a teologia ainda era uma linguagem para entender, organizar e até controlar a vida pública. Em meio a um mundo onde muitas atividades tomam conta de nós é preciso desenvolver a conexão frutífera entre o pouco tempo que temos para o cultivo da presença de Deus e muitas atividades aparentemente sem conexão com a piedade ou espiritualidade.

Neste ponto, parece-nos que dois focos de preocupação de Jeremy Taylor nos ajudam a desenvolver a nossa espiritualidade. Por exemplo, Taylor é um que se preocupou muito com a Liturgia. A liturgia tem a dimensão da comunidade reunida, do trabalho conjunto público. Por outro lado, o mesmo Taylor tem outra preocupação que muito tem a ver com as pessoas. Em nosso caso, é a comunidade dispersa durante a semana. Aqui a conexão entre duas dimensões é o segredo para nós: a Eucaristia dominical e as pequenas devoções familiares ou ainda mais individuais. Depende muito do tempo que cada qual se dispõe. De qualquer forma, temos de descobrir meio de ligar os pequenos momentos durante a semana com a comunidade reunida em liturgia.

Muito depende de como organizamos o nosso tempo. O cuidado com o nosso tempo é uma das preocupações de Taylor. Ele observa que as pessoas de grande qualidade se distingue com o uso do tempo. Para o bom uso é preciso sempre qual é a finalidade desta ação, que é que se propõe. Ele aconselha que qualquer ação seja precedida em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. E, no prosseguimento da ação, ela aconselha que a renove, e a anime com reflexão sobre o propósito.

Taylor fala, também, nas diversas maneiras pelas quais Deus se faz presente. Deus está presente de modo que nada O contenha. A presença de Deus é a presença Daquele que se fez conhecer em Jesus Cristo:

Esse Deus está presente em toda a parte e nada O contém. Nele vivemos, movemos e temos a nossa existência (Atos 17.28), de que não podemos fugir (Sl 139). Deus está presente no horizonte, no céu que contemplamos. Deus está presente nos lugares separados para assembléia de seus santos, não importando sejam

grutas, sejam choupanas. Deus está presente nos templos separados publicamente para as celebrações. Deus está especialmente nos corações, no relacionamento entre as pessoas. Diz ele, também, que o templo é o coração do homem. Pela fé Deus habita nos corações. As pessoas, a comunidade são a morada do Deus Triuno.

Estas breves palavras de exercício da presença de Deus podem ajudar a organizar um pequeno devocionário para quem o tempo é limitado. Por exemplo, de manhã, qualquer pessoa poderia invocar Deus, que se fez conhecer em Jesus ou em Jesus prometer estar conosco e está em toda parte. Essa toda parte pode ser descrita em termos de pessoas em relação: os familiares, os companheiros de trabalho, as pessoas com quem vai negociar, fazer contatos, inimigos, etc., os acontecimentos e pode ir ampliando à sociedade em geral, ao mundo todo. E pode terminar dando glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. A invocação e a glorificação do Trino são perspectiva e a finalidade de nossas ações e relacionamentos. Se é possível ter mais tempo, então, essas partes onde Deus está e quer a sua Presença podem ser tornar ocasião de intercessão. Pois a intercessão é nada mais que elevar essas partes ( familiares, companheiros, pessoas com as quais tem conflito, etc.) à presença de Deus. É claro que as leituras são importantes. A adoção do lecionário é uma forma disciplinada de ler as Escrituras. O Credo nos ajuda a ter um sumário das Escrituras. O *Gloria Patri* é o Credo. O Credo não é apenas a confissão de nossa fé, mas é a glorificação de Deus. E sua construção é trinitária. Assim, é possível evitar a redução da fé cristã apenas no Espírito Santo ou apenas em Jesus.

+Sumio Takatsu  
Maio de 1995